

1

Universidade Federal do
 Triângulo Mineiro
Orcid: 0000-0001-8593-1338
E-mail: livialimagallo18@
 gmail.com

2

Universidade Federal do
 Triângulo Mineiro
Orcid: 0000-0002-8398-3895
E-mail: marianadepaula_psi@
 outlook.com

3

Universidade Federal do
 Triângulo Mineiro
Orcid: 0000-0001-5897-0665
E-mail: diogomatheus.b@
 gmail.com

4

Universidade Federal do
 Triângulo Mineiro
Orcid: 0000-0002-4771-9552
E-mail: d201720642@uftm.
 edu.br

5

Universidade Federal do
 Triângulo Mineiro
Orcid: 0000-0002-6645-4967
E-mail: helga.andrade@uftm.
 edu.br

Relato de experiência

A DINÂMICA DA CONVIVÊNCIA EM UMA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO

*THE DYNAMICS OF COEXISTENCE IN A
 HOST INSTITUTION*

*LA DINÁMICA DE CONVIVENCIA EN UNA
 INSTITUCIÓN DE ACOGIDA*

Lívia Lima Gallo¹

Mariana da Silva de Paula²

Matheus Diogo Barbosa³

Vinicius Nogueira Máximo⁴

Helga Yuri Silva Okano Andrade⁵

Resumo

O projeto de extensão na instituição de acolhimento de meninos adolescentes foi desenvolvido pela Liga Acadêmica de Psicologia Jurídica e Serviço Social (LAPJUS), a fim de compreender a rede de apoio e as relações sociais que o adolescente encontrará e como serão refletidos na elaboração de seus sentimentos, principalmente com a chegada e a partida de pessoas da instituição. A institucionalização é uma das medidas tomadas pelo Estado quando o núcleo familiar negligencia a assistência básica e a garantia de direitos ao indivíduo. O estudo é um relato de experiência da vivência que foi realizada em uma casa de acolhimento no interior de Minas Gerais e apresenta relatos de quatro graduandos em Psicologia e integrantes da LAPJUS. Os extensionistas desenvolveram oficinas e buscaram observar o que a mudança de configuração dos residentes causaria naqueles que permanecem na casa. Foi identificado que os adolescentes vivenciavam um misto de emoções e demonstravam sentir as rupturas dos vínculos que se desfaziam

abruptamente, visto que encontravam nos cuidadores e outros residentes o apoio buscado na família. Concluiu-se que a extensão com apoio das oficinas teve respostas positivas, uma vez que conseguiu abordar os sentimentos vivenciados com a entrada e a saída repentina de residentes da instituição, acolhendo-os e oferecendo suporte frente ao rompimento dos vínculos. Assim, a liga buscará desenvolver novas atividades de extensão que consigam entrar em contato com a vulnerabilidade social para que, dessa forma, ofereça escuta e valide as expressões dos sujeitos que participam e experienciam essa dinâmica.

Palavras-chave: institucionalização; casa de acolhimento; adolescente.

Abstract

This extension Project realized by Liga Acadêmica de Psicologia e Serviço Social (LAPJUS), craves to understand support network and social relationships that na adolescent will find and how that will reflect on the elaboration of feelings, specially with the constant and sudden arrival and departure of people inside the institution with whom they create bonds. Institutionalization of adolescents is one of the State's measures when family environment neglects basic assistance and guarantee of rights for this people. This study is na experience report of a project accomplished in a foster institution at the state of Minas Gerais and it's objective was presenting the reports of four psychology undergraduates, who were participants in an extension Project LAPJUS. The students were responsible for the development of themed workshops and during the work they intended to observate what the constant configurantion change of residentes and caregivers could cause on those who stayed institucionalized. Was possible to identify that teenagers experience mixed feelings about the institution and demonstrate to feel the ruptures of bonds abruptly broken, since they usually find, on the caregivers and other residentes, the missing family support. In conclusion, the project had positive responses once it worked feelings about changes in the group dynamic and offering support When broken bounds happened. Thus, the work will continue through new extension activities capable to contact social vulnerabilities, offering to listen and validating off people who join this experience.

Keywords: institutionalization; foster care; adolescent.

Resumen

La institucionalización de adolescentes es una medida que toma el Estado, cuándo el entorno familiar descuida el cuidado básico de este individuo. Las

consequências subjetivas que se suceden al sacar el adolescente de su casa, encaminhado a uma instituição, es significativa. El apoyo y las relaciones sociales que encontrará em el nuevo entorno se verán reflejados em la elaboración de tus sentimientos, principalmente com la llegada y salida repentina de personas em la institución, com quien se unen. El presente estudio, transversal y exploratório, se realizo em um instituição de acogida em el estado de Minas Gerais y tiene como objetivo presentar los informes de cuatro estudiantes de psicología, participantes em el proyecto de extensión de la Liga Acadêmica de Psicologia Jurídica e Serviço Social. Los mismos fueran responsables del desarrollo de talleres de temáticos y a lo largo del trabajo buscaban observar lo que el constante cambio de configuración de los residentes y cuidadores podría causar em los que se quedan. Fue identificado que los adolescentes experimentan vários sentimientos por la institución y demuestran sentir las rupturas de enlaces rotos abruptamente, desde que encontraron em los cuidadores y otros residentes el apoyo familiar ausente. Em conclusión, estos câmbios durante el período de estancia em la institución parecen causar fluctuaciones em el comportamiento de los adolescentes, que recuerdan la ruptura de lazos afectivos em todo momento y demuestran que se sienten fuera de lugar o forzados a adaptarse constantemente a nuevas dinâmicas com todo va y viene de nuevas personas.

Palabras clave: institucionalización; institución de acogida; adolescente.

INTRODUÇÃO

As características ambientais e o rígido regime disciplinar – algumas vezes, autoritário – das instituições ainda ilustram o que Foucault (1997) e Goffman (1974) relatavam em seus estudos, anos atrás. Em suas obras, os autores debatem e apresentam reflexões sobre o que essas instituições, entre elas, os ditos “abrigos”, provocam no sujeito que as frequentam. Ambos os autores afirmam que as chamadas instituições totais podem gerar um aniquilamento de identidade, além de uma estigmatização dos sujeitos, fatos facilmente observados em nossa atual sociedade, sendo essa uma grande dificuldade enfrentada por jovens acolhidos em seus processos sociais.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), criado em 1990, ressalta a responsabilidade do Estado e da sociedade para com indivíduos de até 18 anos, não sendo apenas um dever familiar. O ECA procura garantir que todas as crianças e adolescentes em todo território brasileiro sejam cuidados de maneira igual e mais humanizada, independentemente de cor, etnia ou classe social. O documento defende os direitos civis dessas pessoas, além

de assegurar atenção, proteção e cuidados específicos fundamentais para o desenvolvimento como sujeito adulto saudável (LEMOS; GECELE; ANDRADE, 2017; WENDT; DULLIUS; DELL'AGLIO, 2017).

Nesse sentido, há casos em que uma criança ou adolescente tem seus cuidados de alguma forma negligenciados pela família, por diversos motivos que podem colocá-los em situação de vulnerabilidade econômica e social. Entretanto, entendendo a importância fundamental do núcleo familiar como constituinte do desenvolvimento do indivíduo de maneira geral, o trabalho dos serviços públicos deve acontecer no sentido de fortalecer a criança e o adolescente, para que eles possam alcançar o máximo de sua capacidade em promover segurança e proteção para que seu desenvolvimento físico, emocional e afetivo ocorra de forma saudável. Caso a família não consiga cumprir suficientemente esse papel, o Estado tem a obrigação de assumir a responsabilidade por esses indivíduos, a fim de auxiliá-los por meio de medidas protetivas mencionadas no ECA (ROSA et al., 2012).

Quando isso acontece, a criança ou o adolescente é alocado em uma instituição de acolhimento, que começa a realizar esse papel fundamental de apoio enquanto a família se reestrutura. Idealmente, essas instituições têm caráter transitório e protetivo: a adoção e o desligamento total da família são considerados a última opção. Além disso, todas as demais instituições frequentadas pelos menores (escola, serviços de saúde, lazer e outros) deverão compor uma rede de proteção à infância e à adolescência. Tais instituições devem se aliar umas às outras no restabelecimento do vínculo da família, bem como garantir o direito à convivência familiar e comunitária, realizando, assim, um trabalho multidisciplinar. Entretanto, na prática, nem sempre todas essas questões são consideradas (ROSA et al., 2012).

Analisando a literatura referente à questões de acolhimento, pode-se perceber uma quantidade importante de estudiosos que acreditam que o ambiente da instituição e o estar longe da família podem afetar de forma negativa o desenvolvimento da criança e do adolescente. Para Bronfenbrenner (1979/1996), os prejuízos podem ser aumentados quando esse ambiente não fornece o necessário para interações afetivas como cuidador-criança, ou restringe muito a locomoção, as brincadeiras e as expressões espontâneas. Para o autor, a instituição não fornece um equivalente familiar funcional para seus internos, apesar de outros autores concordarem que, em algumas situações, o ambiente familiar é tão caótico, que o afastamento gera recuperação psíquica e um desenvolvimento mais saudável (SIQUEIRA, 2006).

A instituição de acolhimento deve, portanto, contribuir para que os sentimentos de perda sejam minimizados, posto que os indivíduos chegam

à instituição com negligências ou maus-tratos que já podem ter afetado seu desenvolvimento, considerando a gravidade e a duração das negligências, a idade do acolhido e fatores de risco e proteção. Caso descuidado, o acolhimento pode resultar em efeitos negativos emocionais, intelectuais, comportamentais, físicos e socioemocionais. Muitas vezes, a criança ou o adolescente experiencia sentimento de culpa, ao fantasiar que, como ele é quem foi afastado do ambiente da família, deve ser o culpado por aquela situação. Além disso, durante o acolhimento em si, o adolescente pode sofrer com perdas que afetam seus sentimentos de segurança e pertença, o que pode influenciar em sua personalidade. Suas singularidades e gostos pessoais, muitas vezes, também são negligenciados frente ao grupo de acolhidos como um todo. A família, os amigos, os vizinhos e a manutenção de toda rede de apoio tornam-se fundamentais ao construir sua identidade social (NUNES, 2010).

Para Samuelsson, Thernlind e Ringstrom (1996 apud SIQUEIRA, 2006), a rede de apoio social tem influência profunda na saúde e no bem-estar do indivíduo, estando o conceito ligado à capacidade de enfrentamento, resiliência e desenvolvimento adaptativo; sua ausência pode produzir senso de solidão e falta de significado na vida. Assim, a instituição tem papel de extrema importância no desenvolvimento do indivíduo acolhido, posto que será sua rede de apoio social mais próxima e organizada. A relação com os cuidadores é muito significativa, pois estes ocuparão o papel de figura adulta, orientando-os e protegendo-os. Além disso, a relação entre pares, dentro e fora da instituição, pode configurar apoio social e afetivo, significando um fator de proteção. Convivendo com outros acolhidos de diversas idades, os adolescentes abrigados podem se envolver em parcerias, compartilhar sentimentos positivos e negativos e apoiar-se mutuamente (SIQUEIRA, 2006). Martins e Szymanski (2004) afirmam que comportamentos pró-sociais como cuidado, reciprocidade, consolo e auxílio foram observados nas interações entre crianças e adolescentes abrigados. Nesse sentido, há, ainda, o obstáculo do paradoxo criado entre o caráter provisório dessas instituições e a necessidade de se criar vínculos afetivos mais profundos, o que pode ser conflitante (LUVIZARO; GALHEIGO, 2011).

O presente trabalho foi realizado a partir de intervenções em uma instituição de acolhimento para adolescentes de gênero masculino, que permanecem no local dos 12 até que completem 18 anos de idade. Trata-se de um projeto de extensão, o que, socialmente, pode ser compreendido como um retorno dado à sociedade a partir do investimento realizado nas universidades.

Posto isto, é válido pontuar que, segundo Rosa, Nascimento, Matos e Santos (2012), os estudos sobre essa etapa do desenvolvimento têm evoluído, no sentido de não mais entender a adolescência apenas como uma fase problemática e cheia de conflitos pós-adolescência, mas observando o indivíduo a partir da diversidade de experiências que o constitui, considerando sua inserção social, cultural e familiar, ou seja, de forma contextual. Neste projeto, foram consideradas as pontuações de Bronfenbrenner (1996) no que se refere à visão de que o desenvolvimento deve ser entendido como a interrelação de multifatores. Sendo assim, quando a realidade do adolescente passa a ser a instituição, desde as características físicas do ambiente até o envolvimento afetivo entre as pessoas serão fortes determinantes de desenvolvimento (ROSA et al., 2012).

Com visão mais otimista, Arpini (2003) frisa aspectos mais positivos da instituição, colocada atualmente não mais como a entidade totalitária de Goffman (1974), que segrega e isola o indivíduo, mas como uma possibilidade de o adolescente ser afastado da situação familiar de violência, resultando na abertura de diversas possibilidades de vida e reestruturação. Trata-se de instituições modeladas de forma acolhedora, pautadas no ECA (1990) e que não aprisionam o sujeito, mas apresentam perspectivas de melhora considerando a realidade e as necessidades de cada caso. Logo, o presente projeto justifica-se social e politicamente pela promoção do cuidado das especificidades de adolescentes acolhidos, gerando qualidade de vida e atenção especializada.

Método

Este artigo apresenta um relato de experiência realizado a partir do projeto de extensão coordenado pela Liga Acadêmica de Psicologia Jurídica e Serviço Social (LAPJUS), durante o ano de 2019. A Liga reúne integrantes dos cursos de Psicologia e Serviço Social da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). A fim de garantir o sigilo das informações, o nome da instituição de acolhimento e de seus acolhidos serão omitidos. Os participantes contribuíram para o trabalho participando das atividades propostas e, de modo indireto, para este relato, a partir de nossas observações. O material exposto neste trabalho foi extraído de relatórios confeccionados pelos discentes a cada visita que realizaram na instituição.

Liga Acadêmica de Psicologia e Serviço Social (LAPJUS)

Criada no ano de 2015 com o objetivo de aproximar os alunos no âmbito jurídico e social, por meio do tripé ensino, pesquisa e extensão, a Liga conta com um grande número de integrantes que fizeram parte de sua história. Os grupos se renovam a cada ano, e, em cada um deles, um projeto de extensão diferente é realizado, dentre eles “Comunicação não-violenta em escolas”, arrecadação de agasalhos e rodas de conversa com a população em situação de rua (projeto intitulado “Amor no Cabide”), visitas em contato com os profissionais e a população carcerária da cidade, o trabalho com as casas de acolhimento de meninas e, no caso do presente artigo, meninos acolhidos na cidade de Uberaba.

Participantes

A extensão foi realizada em uma casa de acolhimento para meninos de 12 a 18 anos, em uma cidade do interior de Minas Gerais. O número de meninos em cada uma das visitas sofreu grande variabilidade conforme a constante mudança na constituição do grupo, algo característico de casas de acolhimento. Em oficinas mais lúdicas, alguns dos cuidadores participaram da atividade e, em outros momentos, permaneceram em suas funções cotidianas enquanto o trabalho era realizado. Os meninos presentes eram livres para participar ou não da atividade proposta no dia, não havendo nenhum tipo de recompensa para tal e podendo abandonar o grupo a qualquer momento sem prejuízos. Também estavam presentes os grupos de ligantes que participaram do projeto.

Estruturação

O trabalho com populações em vulnerabilidade exige cuidado, responsabilidade, atenção e profissionalismo no encontro com o outro. Pensando nisso e levando em consideração que, a cada ano, a LAPJUS recebe novos alunos, que, muitas vezes, nunca tiveram contato com esse tipo de projeto ou com áreas da psicologia que envolvem mais a prática, a coordenação da liga se organizou para que a realização da extensão considerasse todas essas questões.

Uma professora doutora do curso de Serviço Social foi convidada como orientadora do projeto, liderando as supervisões a cada quinze dias, a fim de conversar sobre os encontros ocorridos com os meninos acolhidos e sanar

dúvidas e angústias, além de orientar os próximos passos a serem realizados. Antes do início das atividades, os ligantes foram separados em grupos e alocados em uma agenda previamente organizada com as datas dos encontros. Em cada grupo, havia pelo menos um coordenador de liga com experiência prévia em outras extensões em casa de acolhimento, sempre presente nos encontros e coordenando a organização das oficinas. Os ligantes fizeram parte de uma reunião anterior ao início das visitas, na qual puderam dividir suas expectativas, dúvidas e ansiedades frente ao trabalho, o que continuou sendo feito ao longo de todo projeto nos contextos de supervisão.

Foram estruturados 8 grupos, sendo que 4 se encaminharam ao trabalho realizado em outra casa de acolhimento, de meninos de 0 a 12 anos, e os 4 restantes constituíram o trabalho descrito neste relato. Sendo assim, a cada semana, um grupo realizava uma visita na casa de acolhimento, apresentando-se como parte do mesmo projeto. A cada visita, foi indicado que os discentes preenchessem um breve relatório contendo a data e um resumo do trabalho realizado, para que tudo pudesse ser posteriormente lido pelos outros integrantes da Liga e discutido em supervisão.

Oficinas

As oficinas foram estruturadas nos momentos de reunião quinzenal dos ligantes a partir do que era observado nos encontros realizados na casa. Inicialmente, as oficinas tiveram caráter mais lúdico de apresentação do grupo para os moradores da casa e de criação de vínculo, formação de grupo e habituação do espaço, buscando entender a rotina e o funcionamento do lugar. Esse momento foi composto de bastante conversa com os funcionários e a diretoria da casa de acolhimento e com os meninos, que relataram sua rotina, suas histórias, potencialidades e dificuldades durante as atividades. Foram realizadas brincadeiras com bexiga, jogos de bola, “detetive” e outras atividades mais lúdicas que permitiam a integração dos ligantes com o grupo encontrado e, inclusive, entre eles mesmos, já que, pela inconstância dos moradores, sempre havia algum novo integrante em processo de se inserir no grupo da casa.

Conforme o trabalho foi sendo realizado, os próprios meninos apresentavam suas demandas, e, a partir disso, foram realizadas oficinas como a confecção de cartazes sobre profissões e seus desejos para o futuro, discussões baseadas em vídeos com temas solicitados por eles (como *bullying*), uma roda de conversa sobre identidade e negritude no Dia da Consciência Negra (característica da maioria dos acolhidos) e oficinas culinárias como a

de bombom de leite ninho (sem esquecer da adaptação para aqueles com especificidades como diabetes).

Assim, foi realizado um total de oito oficinas no período vespertino, entre agosto e novembro de 2019, com duração de aproximadamente duas horas cada uma. Dentre as brincadeiras, gincanas ou rodas de discussão (todas propostas a partir dos interesses dos próprios acolhidos), foi possível observar a dinâmica da casa e das relações. Objetivou-se avaliar as interações entre os adolescentes durante o período dos ligantes na casa, além de promover momentos de conexão entre eles e de abertura para a discussão de questões do cotidiano e de suas vidas.

Resultados e discussão

A casa de acolhimento em questão possui um espaço físico bem amplo, com uma sala grande, cozinha, espaço de convivência, banheiros, lavanderia, garagem e quartos com camas extras. Há uma área de lazer no fundo, onde os meninos jogam futebol, sendo este o principal local de realização das oficinas. O número de acolhidos morando na casa era muito variado; a cada visita do grupo discente, havia novos moradores, e outros já não estavam mais na casa. Ainda, a rotina da casa era muito fluída, não apenas quanto aos moradores, mas também quanto ao humor dos meninos. Em muitos dias, eles se mostravam agitados e animados com o grupo, enquanto, em outros, questionavam a existência do grupo e sua permanência ali.

O trabalho promovido a partir das oficinas e da oferta de um espaço voltado para atividade grupal e conjunta permitiu que os adolescentes retirassem um tempo de suas rotinas para direcionar o olhar à composição da casa, mesmo que indiretamente. Ao serem convidados a realizar atividades juntos, com os mesmos objetivos, aqueles que eram novos na casa passavam a se integrar e a se apresentar melhor ao grupo; os que precisavam de ajuda com a realização da tarefa eram assistidos pelos colegas; até mesmo nos dias em que a participação na oficina era recusada, esta serviu de canal para que externalizassem suas angústias, revoltas e insatisfações com o contexto vigente.

Após a realização do projeto, foi possível notar maior possibilidade de expressão dos adolescentes, um ganho para a dinâmica da instituição de acolhimento. Foi possível observar, também, certa amenização das brigas e discussões inicialmente frequentes entre eles, além de uma abertura gradativa no que se refere a contar suas histórias anteriores à chegada na instituição, suas expectativas e medos, tornando possível aos discentes conhecer

suas vidas e criar um vínculo no período da extensão. Em alguns momentos, os meninos confidenciaram, discretamente, a um discente ou outro de quem se sentiram mais próximos, seus pensamentos sobre estar ali, sua situação familiar e demonstraram tristeza com a aproximação do final do projeto.

O vínculo entre extensionistas, residentes da casa e cuidadores foi essencial para agir dentro da instituição e constituiu o apoio necessário no levantamento das demandas a serem trabalhadas nas oficinas posteriormente. Foram apresentados muitos relatos de agitação e brigas, formação de pequenos subgrupos entre os abrigados e dificuldades dos cuidadores da casa, que, ao final do dia, sentiam o cansaço do cuidado de tantos garotos. Cada um dos adolescentes tinha seus pertences, porém o espaço era compartilhado, dividindo quartos e toda a casa. Isso, por vezes, causava certo estranhamento entre os meninos, que, antes de entrar na instituição, possuíam determinada vivência e maneira de se colocar no mundo e, quando colocados todos no mesmo espaço, tornam-se desconhecidos tentando se adaptar à nova realidade.

Um grande avanço dentro da instituição com a realização das oficinas foi a importância dada à necessidade de cuidado e identificação com o outro e da assistência mútua enquanto um grupo de pessoas que enfrentam desafios semelhantes. Com as dinâmicas em grupo, por vezes, foi possível perceber o que precisava ser reforçado nas relações e trabalhado na criação de um ambiente mais harmônico. Durante uma das oficinas, um adolescente com problemas de aprendizagem foi ajudado espontaneamente pelos outros meninos; em alguns momentos, o ambiente parecia mais leve e de risadas. Considerando os conhecimentos da psicologia, é compreensível que a expressão da violência por meio dos desentendimentos e brigas era um reflexo do momento difícil por que os meninos estavam passando e da experiência delicada gerada pela mudança repentina de tudo que viveram até o momento do ingresso na casa de acolhimento.

Esse sentimento de pertencimento e de vínculos positivos trabalhados no projeto é importante, conforme Nunes (2010), na diminuição dos impactos negativos da instituição e na criação de uma rede de apoio fortalecida. As atividades levadas para o grupo de adolescentes trabalhavam os sentimentos negativos e positivos que poderiam surgir no contexto da casa de acolhimento e a importância do apoio recíproco entre eles, em consonância com os estudos de Samuelsson, Thernlund e Ringstrom (1996 apud SIQUEIRA, 2006) acerca da ideia de a rede de apoio ter profunda influência na saúde e

no bem-estar do indivíduo, quando Siqueira (2006) aborda a importância de apoiar-se mutuamente.

Ainda assim, em alguns dias, conflitos de convivência se sobressaíam. Dentre as maiores dificuldades, destacam-se momentos em que o grupo discente chegava para o encontro no dia em que algum evento estressor havia acontecido e encontrava os meninos tristes, brigando com os cuidadores, ou entre eles, e pouco receptivos. Um exemplo comum eram as brigas por cigarro (alguns deles fumavam), por objetos que haviam comprado com seu próprio dinheiro, como bolas de futebol, animais de estimação ou outros itens de convivência.

Os adolescentes podiam ter celular, redes sociais e realizar atividades que eram escolhidas por cada um e não pelo coletivo da casa (um fazia aula de ginástica artística; outro fazia aulas de futebol, por exemplo). Apesar do efeito extremamente positivo de se considerar a individualidade de cada um, em alguns momentos, essas diferenças se destacavam, impactando as vivências, como o apadrinhamento de apenas um dos garotos ou o fato de algum deles ter relação mais próxima com a família do que outros. Isso causava sentimentos de inveja, tristeza e raiva para aqueles que não tinham as mesmas experiências de vínculo, tão almejadas e importantes para o crescimento. Apesar disso, entre os que se consideravam amigos, havia felicidade pela conquista do outro e esperança de um dia obter o mesmo.

Jovens em situação de vulnerabilidade, muitas vezes, se tornam indivíduos com dificuldades de proteger e manter boa parte de seus interesses, que variam de sujeito para sujeito. Podemos considerar que uma das principais características da vivência institucional seja a limitação da liberdade. Ainda, alguns podem ter necessidades específicas que os colocam em situação de maior vulnerabilidade para além das que já são comuns a todos os outros institucionalizados. Esses fatores de vulnerabilidade são diversos, sendo observados, na casa, os seguintes: ser menor de idade, doenças crônicas, doenças sensoriais e comprometimento cognitivo (PESSALACIA; MENEZES; MASSUIA, 2010).

Ao longo das atividades, o grupo foi observando queixas mais frequentes nas falas dos meninos, como “aqui não é minha casa” e o caráter temporário com o qual enxergam a instituição. A vontade evidente de voltar para casa da família, apesar das questões de vulnerabilidade, podia ser observada em suas histórias, o que corrobora com Bronfenbrenner (1979/1996) quando o autor diz que a instituição não é um equivalente ao ambiente familiar funcional. Falas quanto a suas relações entre pares também foram constantes: grupos que acabavam se formando entre eles (nos quais sempre parecia

haver um “líder” que se destacava e influenciava os outros a participar das atividades ou não) e o que achavam dos novos meninos que chegavam ou dos que iam embora. Muitos comentavam sobre a saudade da família e expressavam desejo de voltar para onde moravam antes.

Desse modo, foi possível perceber que questões envolvendo vínculos, direta ou indiretamente, são muito presentes nas falas e na rotina dos adolescentes em instituição. Eles conversam tanto sobre a falta dos vínculos que foram quebrados quanto sobre as novas referências de cuidador e de amigos, experiências sempre muito negativas, como o desejo forte de voltar a ver a família e de se sentir excluído de seu ambiente familiar e das relações que mantinham no bairro e na escola, ou muito positivas, como dizer gostar dos novos amigos e dos cuidadores, posto que em casa a situação estava muito conturbada. Podemos considerar Rosa et al. (2012) no que concerne a entender a adolescência não mais como uma mera fase de desenvolvimento, mas como um fenômeno amplo, que acontece levando-se em conta todo o contexto em que o adolescente está inserido e sua diversidade de vivências, que, no caso dos jovens acolhidos, é sempre muito imprevisível. Sendo assim, trabalhos como este projeto de extensão tornam-se um veículo possível na promoção do cuidado de questões especializadas dessa população, muitas vezes não trabalhadas diretamente no cotidiano das instituições.

As falas ao final do projeto (encerrado com uma festinha com salgadinhos e refrigerantes promovida por todos os ligantes) mostraram como uma atenção voltada à dinâmica de grupo, ainda que de forma simples, pode promover interações e qualidade de vida, diminuindo o impacto dessa transição de contexto na vida dos garotos. A mudança de casa, o encontro com o novo, o afastamento de tudo o que era conhecido, a individualidade de cada um em conflito interno e externo são desafios que podem ser gradativamente cuidados e amenizados com o entendimento de que existem, o que, muitas vezes, se perde na rotina diária, mas não deixa de aparecer quando a oportunidade é provida.

Com o encerramento do projeto de extensão, ao comparar as falas dos meninos, mantêm-se duas percepções quanto à instituição: aqueles que, inevitavelmente, já pareciam tê-la aceitado como casa, depois de passarem praticamente a vida toda institucionalizados devido a problemas familiares e à impossibilidade de retornar para a família de origem, e aqueles que ainda a viam como um lugar temporário e se mostravam muito ansiosos por qualquer oportunidade de sair dali.

Urge a discussão, a partir de tudo que foi observado, de que a institucionalização pode, sim, ser uma experiência positiva, de oportunidade

de reorganização familiar, cuidado e proteção para crianças e adolescentes em situações de risco, mas, quando realizada com os muitos obstáculos de se manter uma instituição no Brasil, pode ser muito negativa. Em ambos os casos, nunca será uma experiência fácil para os envolvidos. Considerando-se que é possível perceber os ganhos com o projeto e com a abertura que a instituição teve ao acolher e auxiliar a realização das oficinas, indica-se que outros projetos semelhantes sejam realizados nas casas de acolhimento existentes. O trabalho não é total, tampouco milagroso, frente à quantidade de dificuldades, porém, sem dúvida, traz benefícios e um olhar diferenciado àqueles que já se encontram tão vulneráveis. Assim, espera-se não mais encontrar a instituição completamente destruidora de Foucault (1997) e Goffman (1974), como era descrita antigamente, mas idealiza-se que, um dia, alcancemos a instituição ideal, positiva e pautada no ECA, como almeja Arpini (2003).

Conclusão

A ação de extensão desenvolvida pela LAPJUS mostrou-se positiva no cumprimento do objetivo geral de observar e intervir na realidade dos meninos institucionalizados, expostos às constantes mudanças na dinâmica de entrada e saída de residentes na casa de acolhimento. Foi possível notar que o relacionamento entre os adolescentes da instituição pode ser conflituoso, uma vez que a convivência é modificada a qualquer momento com a chegada de outros adolescentes, que alteram completamente as relações e as funcionalidades da instituição.

Desse modo, as oficinas realizadas tiveram respostas positivas dos participantes ao se trabalhar sentimentos desencadeados pela vivência no local. As atividades buscaram entender quais demandas eram presentes na instituição e no convívio entre os meninos residentes e que que pudessem gerar discussões significativas para eles. Sendo assim, o projeto de extensão abordou questões sociais e políticas que os adolescentes não discutiam na instituição e criou espaços de interação e expressão de opiniões, visando compreender as percepções dos meninos sobre as experiências desencadeadas pelo ambiente. Nesse sentido, foi possível construir um espaço de fortalecimento das relações constantes e inconstantes da casa.

É importante salientar que os novos sujeitos ingressantes na instituição também se sentiam assustados, deslocados e excluídos dos demais integrantes. Com isso, as oficinas permitiram realizar atividades em grupo nas quais houve uma maior aproximação entre os meninos recém-

chegados e os que já estavam há algum tempo na instituição, desenvolvendo a comunicação e o sentimento de pertencimento entre eles. Assim, a extensão fortalece os residentes da casa, tendo em vista que estes se encontram em uma situação de vulnerabilidade social e de incertezas frente às perspectivas da vida e, durante as oficinas, encontram espaço para refletir e falar sobre esses sentimentos.

Nesse sentido, a liga busca trabalhar, em suas atividades de extensão, temáticas sociojurídicas que ofereçam espaço para o diálogo de temáticas sensíveis, principalmente quando os sujeitos se encontram em situações de vulnerabilidade social, rompimento de vínculos e adaptação a um novo ambiente. Espera-se que novas atividades de extensão sejam realizadas em outras instituições para crianças e adolescentes acolhidos, oferecendo suporte nas suas diferentes formas e buscando ouvir e validar as expressões dos sujeitos que estejam envolvidos nessa dinâmica.

REFERÊNCIAS

ARPINI, D. M. Repensando a perspectiva institucional e a intervenção em abrigos para crianças e adolescentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 70-75. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000100010>. Acesso em: 6 jun. 2019.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1979.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LEMOS, S. C. A.; GEHELE, H. H. L.; ANDRADE, J. V. Os vínculos afetivos no contexto de acolhimento institucional: um estudo de campo. **Psicologia: Teoria e Prática**, [s. l.], v. 33, n. 1, p. 1-10, 2017.

LUVIZARO, N. A.; GALHEIGO, S. M. Considerações sobre o cotidiano e o habitar de crianças e adolescentes em situações de acolhimento institucional em abrigo. **Revista Terapia Ocupacional**, [s. l.], v. 2, n. 22, p. 191-199, 2011.

MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. Brincando de casinha: significado de família para crianças institucionalizadas. **Estudos de Psicologia**, [s. l.], v. 9, p. 177-187, 2004.

NUNES, M. A. C. **Auto-conceito e suporte social em adolescentes em acolhimento institucional**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clí-

nica Dinâmica) – Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

OLIVEIRA, L. de M. M.; RESENDE, A. C. Estudo de sintomas depressivos em crianças sob situação de acolhimento institucional. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 10, n. 1, p. 55-63, jun. 2016.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472016000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 ago. 2021.

PESSALACIA, J. D. R.; MENEZES, E. S.; MASSUIA, D. **Bioethikos**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 423-430, 2010.

RAYANE, D. B.; SOUSA, D. H. A. V. de. Privação afetiva e suas consequências na primeira infância: um estudo de caso. **Revista InterScientia**, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 90-111, dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unipe.br/index.php/intercientia/article/view/721/601>. Acesso em: 29 ago. 2021

ROSA, E. M.; NASCIMENTO, C. R. R.; MATOS, J. R.; SANTOS, J. R. O processo de desligamento de adolescentes em acolhimento institucional. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 17, n. 3, p. 361-368, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300003>. Acesso em: 8 jun. 2019.

SIQUEIRA, A. C. **Instituições de abrigo, família e redes de apoio social e afetivo em transições ecológicas na adolescência**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.